

RESSALVA

Atendendo solicitação do autor, o texto completo desta tese será disponibilizado somente a partir de 08/03/2020.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

SÉRGIO DE OLIVEIRA SANTOS

**Para além de um pedaço de pano triste:
*uma educação heroica ou...***



**Rio Claro
2018**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

SÉRGIO DE OLIVEIRA SANTOS

**Para além de um pedaço de pano triste:
*uma educação heroica ou...***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Rio Claro – SP, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientador: PROF. DR. CÉSAR DONIZETTI PEREIRA LEITE

**Rio Claro
2018**

370.15 Santos, Sérgio de Oliveira
S237p Para além de um pedaço de pano triste: uma educação
heroica ou... / Sérgio de Oliveira Santos. - Rio Claro, 2018
118 f. : il.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: César Donizetti Pereira Leite

1. Psicologia educacional. 2. Educação. 3. Formação. 4.
Civilização. 5. Amor. 6. Medo. I. Título.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: Para além de um pedaço de pano triste: uma educação heroica ou...

AUTOR: SERGIO DE OLIVEIRA SANTOS

ORIENTADOR: CESAR DONIZETI PEREIRA LEITE

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em EDUCAÇÃO, pela Comissão Examinadora:


Prof. Dr. CESAR DONIZETI PEREIRA LEITE
Departamento de Educação / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP

Prof. Dr. OSWALDO GIACÓIA JÚNIOR
Departamento de pós graduação em Filosofia / UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas - SP


Prof. Dr. DANIEL OMAR PEREZ
Departamento de Filosofia - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais / Universidade Estadual de Campinas - SP

Prof. Dr. CAMILO FLORIANO RIANI COSTA
Curso de Publicidade e Propaganda / Universidade Metodista de Piracicaba - SP

Prof. Dr. RODRIGO PELLOSO GELAMO
Departamento de Didática e Programa de Pós-Graduação em Educação / UNESP - Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília - SP

Rio Claro, 08 de março de 2018

DEDICATÓRIA

Para minha mãe que soube esperar...

AGRADECIMENTOS

Àqueles que me amaram e foram meus amores nessa jornada! Em especial:

Meus familiares mais próximos: meu pai Sérgio Maurício, minha mãe Vera Lúcia, meu irmão Marcelo (Guga), minha gostosura em forma de namorada Letícia Sara e o mais “grude” de todos: meu filho canino Joseph Nietzsche.

Ao meu orientador, César Leite, pela experiência e forte orientação companheira... sempre muito mais competente, vívida e visceral do que qualquer frieza acadêmica.

A UNESP, campus Rio Claro, por me abrigar e acolher minhas doces loucuras, nas pessoas (e no carinho, atenção, respeito e profissionalismo que recebi) da Sueli e da Eliana do Departamento de Educação e do Luiz e da Ivana da Seção Técnica de Pós-Graduação.

Aos meus queridos amigos da UNICAMP em nome do professor Daniel Omar Perez, do professor Ângelo Marinucci, do professor Oswaldo Giacoia Júnior e sua esposa Sirlei.

Aos amigos da Clínica Psyché. E a peculiar acolhida das queridas Sônia, Leda e Lucy que vibraram junto de minhas conquistas, angústias e questionamentos.

Aos meus estimadíssimos pacientes – fonte e objeto das intensidades do meu amor.

Aos amigos Vinícius Leite, Ninho Seghese, Lucas Galli, Maurício Augusti, Fabrício Félix, Reginaldo Porpetta e novamente ao meu irmão Guga por produzirem comigo os mais lindos sons e (des)harmonias junto do Projeto SubjetivAções Musicais e tantos outros!!

Aos amigos das famílias Banda Opus e Rotary Clube Piracicaba – Cidade Alta.

A Eva que cuidou de minha casa, de minha bagunça, do meu “rango” e de meus trapinhos sempre com muito carinho.

Enfim, a todos que não nomeei aqui, mas que me auxiliaram e/ou estiveram comigo na realização deste e de tantos outros trabalhos e momentos felizes.

GRATIDÃO!

Além disso, nem sequer teremos que correr os riscos da aventura sozinhos; pois os heróis de todos os tempos nos precederam; o labirinto é totalmente conhecido. Temos apenas que seguir o fio da trilha do herói. E ali onde pensávamos encontrar uma abominação, encontraremos uma divindade; onde pensávamos matar alguém, mataremos a nós mesmos; onde pensávamos viajar para o exterior, atingiremos o centro da nossa própria existência; e onde pensávamos estar sozinhos, estaremos com o mundo inteiro.

Joseph Campbell

RESUMO

PARA ALÉM DE UM PEDAÇO DE PANO TRISTE: UMA HEROICA EDUCAÇÃO OU...

A presente tese tem como objetivo trazer à baila que desde os textos do início de sua obra, Nietzsche destacou a indissociabilidade entre educação, civilização e cultura. No entanto, no que tange ao aumento da abrangência e das capacidades sensíveis e cognoscíveis dos seres humanos, o psicólogo/filósofo alemão designou uma disparidade entre os processos de formação (*Bildung*) e educação (*Erziehung*) ao pressupor que estes tenham no seio da civilização e da cultura finalidades e utilidades também díspares que, por sua vez, mobilizam disposições afetivas (psicofisiologias) distintas que fazem eclodir nos seres humanos, em seus processos de subjetivação, distintas *necessidades* e, assim, diferentes modos de pensar, conhecer e se relacionar com outrem. Assim, apesar de *semelhantes* em alguns aspectos, formação e educação são processos desiguais, pois a gama de afetos ou o sentimento predominante em cada um deles é diferente: na formação, o medo; na educação, o amor. E, nesse sentido, a formação visaria ao fomento e/ou à manutenção da civilização enquanto que a educação alargaria o espírito humano e propiciaria o (des)envolvimento da cultura (*Kultur*) e o cultivo (*Zucht*) de afetos diversos que condicionam a economia global da Vida – algo para além do “sentimento” de *moralidade*. Uma educação heroica neste tipo de cultivo é a *arte* e o poder de assimilação e de transfiguração de um corpo – de um ser humano e suas *necessidades*. “Quanta verdade suporta e *ousa* um espírito?”, questiona Nietzsche. Mas o que é a verdade se não um movimento autocontraditório entre um *impulso à verdade* e uma capacidade de incorporação de *erros fundamentais* (a presunção de que existam objetos, sujeitos, a substância, o igual etc.)? A fim de melhor problematizar e vivenciar tais perspectivas, a presente tese foi desenvolvida em três atos nos quais, o **primeiro**, *a parte escrita*, traz, grosso modo, a discussão até aqui apresentada. O **segundo**, *a apresentação musical*, tem como objetivo transfigurar o texto construído como “primeiro ato” de modo a realizar dois pontos de virada (de transvaloração) neste: primeiro trazer à superfície aquilo que costumeiramente fica oculto num texto: a dinâmica das forças e experiências de seu autor; e, também, fazer com que o texto saia da dimensão da *formação* (institucional na qual foi constituído) e caminhe para o campo da *educação* – a fim de que não se restrinja a ser mais *um pedaço de pano triste*, mas, sim, que sirva de *solo* para o cultivo de novas experiências e novas relações que fomentem a cultura: aquela *fina pele* que envolve a civilização e que na qual são projetadas e realizadas as mais fantásticas brincadeiras (e conquistas) humanas. É deste último intento que nasce o **terceiro ato**: *a partilha das experiências* vividas durante a apresentação do segundo ato – como um arranjo de *forças criativas e espontâneas* (encharcadas de afetos e afetações); um ato de *criação conjunta*, de perspectivismo ampliado no qual se faz possível uma ruptura com os modos tradicionais de produção (de um doutoramento) que são mais calculistas, racionalistas e necessários para se atingir certas “finalidades” do processo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Formação. Civilização. Amor. Medo.

ABSTRACT

BEYOND A SAD PIECE OF CLOTH: A HEROIC EDUCATION OR...

The present thesis aims to bring forward that from the texts of the beginning of his work, Nietzsche emphasized the inseparability between education, civilization and culture. However, as regards the increase in the range and the sensitive and knowable capacities of human beings, the German psychologist/philosopher has designated a disparity between the processes of formation (*Bildung*) and education (*Erziehung*) by presupposing that they have within civilization and culture, which are also disparate purposes and utilities which, in turn, mobilize different affective dispositions (psychophysiology) that hatch in human beings, in their processes of subjectivation, different needs and thus different ways of thinking, knowing and relating to others. Thus, although similar in some respects, formation and education are unequal processes, because the range of affects or the predominant feeling in each of them is different: in formation, fear; in education, love. And in that sense, formation would aim at the promotion and/or maintenance of civilization, while education would broaden the human spirit and foster the (un)development of culture and the cultivation (*Zucht*) of diverse affections that condition the global economy of Life – something beyond the "feeling" of morality. A heroic education in this kind of cultivation is the art and power of assimilation and transfiguration of a body – a human being and his needs. "How much truth does it bear and dare a spirit?" Nietzsche asks. But what is truth if not a self-ruin movement between an impulse to truth and an ability to incorporate fundamental errors (the presumption that there are objects, subjects, substance, the equals etc.)? In order to better problematize and experience such perspectives, the present thesis was developed in three acts in which the first, the written part, brings roughly the discussion hitherto presented. The second, the musical presentation, aims to transfigure the text constructed as a "first act" in order to realize two turning points (of transvaluation) in this: first bring to the surface what is usually hidden in a text: the dynamics of forces and experiences of its author; and also to move the text out of the dimension of formation (institutional in which it was formed) and to move to the field of education - so that it is not restricted to being another piece of sad cloth, but rather that serves as a soil for the cultivation of new experiences and new relationships that foster culture: that fine skin that surrounds civilization and in which the most fantastic human humor (and conquests) are projected and performed. It is from this last attempt that the third act is born: the sharing of the experiences lived during the presentation of the second act - as an arrangement of creative and spontaneous forces (drenched with affections and affectations); an act of joint creation, of extended perspectivism in which a rupture with the traditional modes of production (of a doctorate) is possible that are more calculating, rationalist and necessary to achieve certain "purposes" of the process.

KEY WORDS: Education. Formation. Civilization. Love. Fear.

Sumário

PRÓLOGO	10
INTRODUÇÃO	15
I – UMA PERSPECTIVA ACERCA DO SER HUMANO	22
1 – Os desconhecidos de si próprios	22
2 – O cultivo de si	31
3 – As tipologias humanas a partir das vicissitudes do medo	38
4 – Uma experiência (de)formativa	49
II – O CONHECIMENTO COMO AQUILO QUE AO MESMO TEMPO EM QUE CEGA TRAZ UMA NOVA VISÃO	56
1 – O conhecimento como autossupressão: entre amor e medo, a lei da vida	56
2 – A dinâmica dos erros e dos erros fundamentais	63
3 – A incorporação dos erros fundamentais	67
4 – O eterno retorno e a mais fraca forma de conhecimento	71
5 – A riqueza dos antagonismos	78
III – UMA EDUCAÇÃO HEROICA	84
1 – O deserto se adensa	84
2 – Pensar de outra forma para sentir de outra forma	89
3 – Uma travessia	94
4 – A espera criança	101
CONCLUSÃO	107
REFERÊNCIAS ÁUDIO-VÍDEO-BIBLIOGRÁFICAS	112
ANEXO I	116
ANEXO 2	118

PRÓLOGO

Minha vida...

Quando eu era pequeno eu achava a vida chata como não devia ser. Os garotos da escola só a fim de jogar bola e eu queria ir tocar guitarra na TV. Ai veio a adolescência e pintou a diferença. Foi difícil de esquecer: a garota mais bonita também era a mais rica [e] me fazia de escravo do seu bel-prazer.

Quando eu sai de casa minha mãe me disse “Baby, você vai se arrepender, pois o mundo lá fora num segundo te devora”. Dito e feito, mas eu não dei o braço a torcer.

Hoje eu vendo sonhos, ilusões de romance. Te toco minha vida por um troco qualquer. É o que chamam de destino e eu não vou lutar com isso. E que seja assim enquanto é.¹

Quando Lulu Santos lançou esta canção eu tinha sete anos de idade e estava no primeiro ano do ensino fundamental. De lá para cá, muitas canções me tocaram e tantas outras eu toquei e cantei. Eu continuo na escola, mas ainda não fui tocar guitarra na tv. Entretanto, talvez, muitas vezes já tenha sido uma cigarra na tv. Essa é uma das vezes que muito além da adolescência “pintou” em mim a diferença. Daqui, quiçá, o sorriso menino que tantas vezes vi e vejo no espelho refletido.

Por mais clichê que pareça, “quem sou? como e onde estou?” são questionamentos que desde muito cedo mobilizaram os modos de me relacionar com as pessoas e coisas. Eles me colocaram em movimento e compartilharam comigo *o sentido da terra*, ou seja, me fizeram pensar (experimentar e viver) aquilo que não sou sozinho – encerrado em minha *pequena razão*. Aos poucos aprendi que boas relações nos fazem mais fortes, felizes e saudáveis, pois, tal como dizia o poetinha, “a vida é arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida”². Nesse sentido, aprendi que sofrer pode não ser um problema, mas sofrer à toa, sim.

Na busca por bons encontros graduei-me em Psicologia, sou mestre em Direito e mestre e, agora, doutor em Educação. Atuei/atuo como docente e discente em universidades/faculdades como UNESP, UNIMEP, UNICAMP e FAM. Tornei-me psicólogo clínico (2006), mas jamais abandonei meu relacionamento com a música – a companheira que me ensina e me inspira nesses mais de trinta e três anos de palcos e estúdios como cantor e compositor.

¹ SANTOS, L. Minha vida. Em: Lulu Santos. Álbum: *Lulu*. Gravadora: RCA Records, 1986.

² MORAES, V.; POWELL, B. Samba da benção. Em: Baden Powell. Álbum: *Le génie de Baden Powell*. Gravadora: Musidisc (França), 1990.

Junto de alguns (des)encontros deparei-me com diversos exercícios de saberes e poderes que tristemente determinam os rumos e as formas que certas vidas têm de seguir. Notei, então, que resistir a tais exercícios é imprescindível. Foi por esse motivo que o Projeto SubjetivAções foi criado. Afinal, é somente junto de subjetividades potentes e em movimento que se pode enfrentar e evitar os maus encontros, favorecendo a Vida e fazendo da própria vida que se vive, singular e coletivamente, uma obra de arte. O Projeto SubjetivAções é formado pelas seguintes atividades: Arte, Amor & Sexualidade, Subjetivações Musicais, Viagem Criativa e Uma dose de música.

Na tentativa de compor(-me), nas fronteiras ou fora das linhas que separam “corpo e alma”, bem como, psicologia e arte, em que pese minhas leituras e estudos de filosofia alemã, sobretudo Nietzsche e Freud por mais de uma década, a música popular brasileira me acompanha a quase quatro. E é inegável que eu me constitua e atue mais, enquanto psicólogo clínico, docente, discente e *crooner* de banda-baile, por meio dos “toques”, das experiências e vivências trazidas pela MPB, nos bailes e bares da vida, do que, propriamente, com aquilo que está nos livros de filosofia, psicologia etc. Afinal, como cantava “Raulzito”: “enquanto Freud explica as coisas, o Diabo fica dando os toques”³.

Se bem que, apesar de Raul Seixas e Zé Ramalho afirmarem em suas canções que “Freud explica”⁴, pode-se compreender que a obra do alemão mais *implica* do que explica. Assim são as canções que, para além de experiências que trazem, permitem vivências outras, perspectivas outras que não se restringem a ideias e a des(harmonias). Elas trazem uma possibilidade outra de distender e condensar o tempo; de rasgar sentimentos... de *recordar, repetir e elaborar* o que foi vivido ou que se imaginou viver, o que se vive e aquilo que se espera viver um dia. Elas são meus remédios e meus narcóticos! Meu principal veio de descarga e retomada de energias. São também parte do “meu ganha pão”, parte dos meus processos de liberdade e de minha molecagem...

Após passar por vários concursos para professor substituto nas dependências da UNESP – Rio Claro, o “toque” dado ao meu orientador a meu respeito em tais concursos era o seguinte: “O Serginho precisa entender que ele não está num palco, mas, sim, numa sala de aula”. Mal sabiam que, justamente, o palco é o lugar no qual, socialmente, eu menos atuo. Ali,

³ SEIXAS, R.; COELHO, P. Rock do Diabo. Em: Raul Seixas. Álbum: *Eu Raul Seixas*. Gravadora: Philips Records, 1991.

⁴ RAMALHO, Z. Chão de giz. Em: Zé Ramalho. Álbum: *Zé Ramalho*. Gravadora: Epic, 1978.

afinal, sempre estive (desde os meus 6 anos de idade – cantando “Mamãe eu quero” numa matinê de carnaval) e está minha maior complexidade afetiva e perspectiva! Por esse motivo, talvez, desde o primeiro dia como docente nenhum plano de ensino, nenhuma *grade* curricular me prendeu! Algo sempre me inquietou! Mas, talvez ainda, não tenha me prendido devido a um misto de displicência, imaturidade e/ou incompetência! Ou...

Enfim, eu fui, sou e serei as próximas páginas que lerão. Mas posso lhes garantir, com toda probidade intelectual e afetiva que me é possível, que melhor encontrarão dos meus fragmentos, poemas e tolices que me constituem num palco. Afinal, como diz a canção: “cantando me des/faço e não me canso de viver, nem de cantar”. Nos últimos quatro anos fiz mais que frequentar salas de aulas, ler livros e realizar outros rituais que fazem parte de um percurso de doutoramento. Escrevi alguns textos, sim. Mas também compus canções, fui a muitos shows, cinemas e teatros. E se Nietzsche está fortemente certo ao dizer que só há credibilidade nas palavras escritas com sangue é porque não existe separação entre pensamento e vida. Um texto não tem confiabilidade e fertilidade se não souber dançar!

Estar nos palcos cantando é muito mais que trabalho, que empatia, mimese, consolação, entretenimento ou compaixão com aquele que compôs, que já cantou ou que apenas assiste aquilo que se canta. É um processo de sedução! Mas não apenas do outro. O outro, aquele que ouve, muitas vezes, não importa. Não é ele que se quer seduzir – nem muito menos desprezar. Nós seduzimos o nosso próprio corpo, a nossa psicofisiologia: fazemos barulho e somos movimento. É algo como espessa Djavan: “Cantar é mover o dom do fundo de uma paixão – seduzir as pedras, catedrais, coração. Amar é perder o tom nas comas da ilusão [e] revelar todo o sentido. Vou andar, vou voar, pra ver o mundo. Nem que eu bebesse o mar encheria o que eu tenho de fundo”.⁵

A quem canta e ama é dado o poder de brincar com seus afetos, de mergulhar neles e lhes convidar para regar o mundo ou devastá-lo. Entretanto, a fim de não se afogar naquilo que se tem de fundo, de completamente se evaporar no quanto se pode voar e não ressecar as flores e os espinhos da vida é preciso experimentar artisticamente, com uma incrível força de assimilação e criação, Poseidon! Mas, também, Hades e Zeus. Essa, talvez seja “a força estranha que me leva a cantar” a minha tese de doutorado. Mas, antes disso, é preciso lhes deixar algo escrito – afinal, no geral, este exercício é um doutorado institucionalmente

⁵ DJAVAN. Seduzir. Em: Djavan. Álbum: *Seduzir*. Gravadora: EMI Brazil, 1981.

situado. Por esse motivo, cumpre destacar, que a presente tese será realizada em três atos, nesta sequência apresentados e nominados como:

- I) **Parte Escrita:** A praça das moscas: entre vacinas e sorvetes;
- II) **Apresentação Musical:** O leão que ri: uma heroica psicofisiologia brasileira;
- III) **Vivência das experiências:** Acontecência ou riscos e rabiscos do amor.

O **primeiro ato**, a *parte escrita*, apresentará estrategicamente a diferenciação e os possíveis usos dos conceitos *formação (Bildung)* e *educação (Erziehung)* a fim trabalhar, enquanto tese, a hipótese de que as relações criadas por tais conceitos, os processos de subjetivação premidos e efetivados a partir deles, ensejam duas psicofisiologias diferentes que fomentam, por sua vez, a civilização e a Cultura, respectivamente. Sendo que, a civilização atua em prol da formatação e domesticação do animal humano e a Cultura seu cultivo (*Zucht*).

Nossa inferência é a de que a *formação* tenha seus pressupostos mais atrelados ao sentimento *medo* e vise, junto à civilização, objetivar processos de subjetivação que se dirijam mais à *conservação* de si, algo e/ou alguém, de modo a produzir e/ou evitar o sofrimento, restringindo a possibilidade do florescimento de perspectivas mais prenes de Vida. Já a *educação* está mais atrelada ao *amor* e a Cultura, justamente, por incitar processos de subjetivação que percebem, assimilam e multiplicam as possibilidades existenciais das pessoas e suas relações para além dos costumes e dos tipos de conservação por eles propostos atuando, desse modo, junto de dois movimentos característicos da abundância da Vida: o “eterno criar-se a si mesmo” e o “eterno destruir-se a si mesmo”.

Os pressupostos teóricos encontram-se decididamente respaldados na psicofisiologia e/ou filosofia nietzschiana, sobretudo, junto de conceitos como vida, vontade de poder, impulso à verdade, eterno retorno etc., em um (sutil) diálogo com a psicanálise freudiana e, claro, com a música popular brasileira. Portanto, não há aqui nenhum trabalho de exegese.

O percurso, grosso modo, busca destacar uma perspectiva acerca de como os seres humanos vão se (re)inventando e estabelecendo relações, “singular” e coletivamente, a partir das vicissitudes do amor e do medo. Firma-se também que tais vicissitudes demarcam fortemente os modos e as funções das produções de conhecimento na vida humana podendo, dentre outras, por um lado, produzir uma dissidência, um cisma entre conhecimento e vida e, por outro, possibilitar que todo conhecer seja um experimento de si no seio da Vida.

O objetivo do **segundo ato**, a *apresentação musical*, é transfigurar, mudar a figura do texto construído como “primeiro ato” de modo a, paulatinamente, ir realizando dois pontos de virada (de transvaloração) neste, sobretudo, para que, “por dentro”, por um lado, aquilo que costumeiramente fica oculto num texto – a dinâmica das forças e experiências de seu autor – venha à superfície como uma espécie de metalinguagem na qual texto e autor se imbricam vividamente e, por outro lado, para que o texto saia da dimensão da *formação* e caminhe para o campo da *arte-educação* – a fim de que não seja mais *um pedaço de pano triste*, mas, sim, que sirva de *solo* para o cultivo (*Zucht*) de novas experiências, experimentos e relações humanas que conformam aquilo que se nomeia como Cultura (*Kultur*): a *finha pele* na qual são projetadas e realizadas as mais fantásticas brincadeiras, conquistas e horrores humanos.

É deste último intento que nasce o **terceiro ato**, a *partilha das experiências* vividas durante a apresentação do segundo ato, como uma possibilidade de arte, de *criação conjunta*, de um *Creative Commons* ou, usando uma expressão psicanalítica, de circulação do Desejo. E é, justamente, nesse momento, para nós que a tese frisa a sua perspectiva de diferenciação entre formação e educação, tendo em vista, que, ao contrário dos dois atos anteriores que são pensados, calculados, esquadrihados para que uma finalidade última seja atingida, o terceiro ato não tem! Ele é *um risco* de fluir com coproduções numa nova Torre de Babel, numa nova “praça das moscas” ou num jardim de silêncios. Ele é um experimento cultural no qual é possível desafiar a afirmativa da canção djavaniana que diz que “não existe amor sem medo”.⁶

Resta destacar que nos anexos I e II o leitor poderá ter contato a dinâmica da apresentação do segundo ato que foi a seguinte: durante 30 minutos em média, o grupo, composto por seis elementos (vocalista/mediador, guitarrista, tecladista, baterista, técnico de áudio e técnico de iluminação e projeção), apresentou uma trama transfigurativa do primeiro ato (do texto), junto de alguns disparadores (sonoridades e conceitos advindos da música popular brasileira) e de conceitos advindos da psicologia, filosofia e áreas afins. Cumpre destacar que, por motivos protocolares do ritual de defesa da tese, o terceiro ato ficou restrito às considerações da banca.

Por oportuno destaca-se que se os anexos não estiverem disponíveis junto desta versão impressa poderão ser acessados no site www.subjetivacoes.com ou em nosso canal do YouTube: Projeto Subjetivações – onde estarão também os desdobramentos desta produção.

⁶ DJAVAN. Boa noite. Em: Djavan. Álbum: *Coisa de acender*. Gravadora: Sony Music Entertainment, 1992.

INTRODUÇÃO

Algo nasce. Algo é puxado e/ou conduzido de um espaço para outro: o mundo. Mas isso que nasceu já não estava antes no mundo? Já não era mundo? Sim, já era. Desde que prevaleça a hipótese de que o mundo seja *vontade de poder*: “uma imensidão de força, sem começo, nem fim, uma firme, brônzea grandeza de força, que não se torna maior, nem menor, que não se consome, apenas se transforma, inalteravelmente grande como totalidade”¹. Nesse sentido, dizer que algo nasceu corresponde a enunciar que algumas forças se efetivaram, se configuraram ou foram conduzidas de dado modo.

Em latim o verbo conduzir corresponde a *ducere* que, somado à partícula *ex* (fora), dá ensejo em português ao verbo educar – que remete a guiar, instruir, trazer, levar para fora, levar a alcançar algo, a criar algo (do latim *creare*: fazer crescer, dar a luz, produzir). Sendo assim, o verbo educar e o substantivo educação abrangem os atos humanos de levar e elevar algo ou alguém. No idioma alemão a correspondência é quase análoga. Educar advém do prefixo de reforço *Er* e o verbo *Ziehen* (puxar), portanto, *Erziehen* – par e passo com *Aufziehen*: elevar, levantar.²

Por sua vez, tanto em português como no idioma alemão, a palavra *formação* (dar forma, formar, conformar; emprestar uma figura, configurar) é frequentemente utilizada como correspondente à palavra educação. A formação (*Bildung*) é parte fundamental dos processos civilizatórios e/ou de produção e administração da Vida em sociedade (nas *biopolíticas* e economias). Portanto, a formação direciona, articula e, em certas circunstâncias, atribui sentido a quantidades, qualidades e efetivações de forças.

Em que pese a semelhança entre os termos educação e formação toma-se aqui uma significativa diferença entre estes quando pensados a partir de suas funções no seio das sociedades, sobretudo, no cultivo (*Zucht*) do ser humano. Desde os textos situados no início de sua obra (1872 - 1874), respectivamente, “O futuro de nossos estabelecimentos de ensino”, “Da utilidade e desvantagem da história para a vida” e “Schopenhauer como Educador”,

¹ NIETZSCHE, F. Fragmento póstumo nº 38 [12], junho-julho de 1885. Em: GIACOIA JUNIOR, O. *Nietzsche x Kant: uma disputa permanente a respeito de liberdade, autonomia e dever*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; São Paulo: Casa do Saber, 2012, p. 265.

² Cumpre destacar que o autor do presente texto não é versado nem “em bom português” – tanto menos em latim, alemão, grego, etimologia etc. Nesse sentido quando menciona palavras/conceitos em outros idiomas, sobretudo, os advindos de Nietzsche e Freud, o faz a fim de contextualizá-los nas obras dos referidos autores.

Nietzsche situava essa diferença ao deflagrar na sociedade alemã *processos educativos antinaturais* que, a seu ver, vulgarizavam e cerceavam as possibilidades humanas de cuidar de si, de conhecer, criar e cultivar afetos diversos, em favor da produção de cidadãos domesticados, obedientes, manipuláveis afetivamente, dóceis e rentáveis economicamente.

Não existe, para Nietzsche, dissociabilidade entre educação, civilização e cultura. Para ele o animal humano, a fim de, minimamente, sobreviver em sociedade, necessita trabalhar *em si* certos hábitos, princípios e esquemas de conhecimento e avaliação para assimilar o aquilo que lhe seja útil no espírito gregário de seu tempo. No entanto, para ir além desse estado de sobrevivência, tal animal deve realizar um *exercício de si no pensamento*, um *cultivo* de possibilidades outras para si e para outrem, ou seja, elevar-se ao campo da Cultura (para além de funções pré-determinadas) no qual os modos de conhecer cientificista, historicista e artístico se coadunam em uma dança – de assimilação e esquecimento. Afinal,

não somos daqueles que só em meio aos livros, estimulados por livros, vêm a ter pensamentos – é nosso hábito pe nsar ao ar livre, andando, saltitando, subindo, dançando, preferivelmente em montes solitários ou próximo ao mar, onde mesmo as trilhas se tornam pensativas. Nossas primeiras perguntas, quanto ao valor de um livro, uma pessoa, uma composição musical, são: “É capaz de andar? Mais ainda, é capaz de dançar?”.³

A partir, então, do pressuposto da indissociabilidade entre educação, civilização e cultura pode-se dizer que a gama de processos que nomeamos como *pensamento* é muito mais que a utilização racional e racionalizante de esquemas e estruturas formais de línguas e linguagens. Ele é um beijo que jamais se esqueceu, pois no corpo se escreveu – como um instante de sublime intensidade no qual tudo festeja *a sua* verdade daquele momento. Pensar pode ser tido como o manifestar de cada *impulso celular* em uma dança que tem como marca a abundância, a possibilidade e a necessidade. O pensamento é a expressão do Inconsciente, de uma paz e uma guerra permanente entre perspectivas diferentes, espelhada ou traduzida de modo incompetente naquilo que julgamos ser o nosso estado consciente. É sempre assim! Mas a qualidade do que é pensado e também do que é *sentido* e escrito depende, diretamente, se ela provém de um “literato” ou de um “erudito”. Destes “*typus*” diz Nietzsche que:

Nós lemos pouco, mas por isso não lemos pior – oh, como rapidamente adivinhamos de que modo alguém chegou a seus pensamentos, se o fez sentado em frente ao tinteiro, com o estômago apertado, a cabeça curvada sobre o papel: oh, como também rapidamente acabamos seu livro! As vísceras contraídas se revelam, pode-se

³ NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. 5ª reimpr. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009a, p. 267.

apostar, e igualmente o ar abafado, o teto do quarto, a estreiteza do quarto. – Estes foram agora os meus sentimentos, quanto fechei um honesto livro erudito, grato, muito grato, mas também aliviado... No livro de um erudito há quase sempre algo opressivo, oprimido: em algum lugar vem à luz o “especialista”, seu zelo, sua gravidade, sua ira, sua sobrestimação do canto no qual fica e tece, sua corcunda – todo especialista. Um livro erudito sempre espelha igualmente uma alma entortada: todo ofício entorta. (...) Não se pense que é possível contornar essa deformação com alguma arte da educação. Toda espécie de *mestria* tem um alto preço nesse mundo, onde tudo talvez saia muito caro; quem é senhor do seu mister paga o preço de ser também sua vítima. Mas vocês querem que isto seja diferente – “mais justo”, sobretudo mais cômodo – não é verdade, caros contemporâneos? Muito bem! Mas logo vocês obtêm outra coisa, ou seja, em vez do artesão e mestre o literato, o hábil e “polidestro” literato, que certamente não tem corcunda – salvo aquela que ele faz ante vocês, como balconista do espírito e “portador” da cultura –, o literato que nada é propriamente, mas “represente” quase tudo, que faz o papel do conhecedor e o “substitui”, que em toda modéstia cuida de fazer-se pago, respeitado e festejado no lugar daquele.⁴

“De tudo escrito, amo apenas o que se escreve com o próprio sangue. Escreve com sangue: e verás que sangue é espírito”⁵. Quem escreve com o próprio sangue não atua: é ato! Não representa, mas sim, apresenta um novo horizonte, uma nova manhã, uma nova e amável perspectiva de si enquanto abundância de vida, pois, afinal, ama tudo o que é vida – até mesmo a sua corcunda... e o formato quadrado de sua bunda! Aquele que ama *sabe* prezar e desprezar. E que fique vividamente esclarecido: o desprezo oriundo do *medo* e do *temor* é diametralmente diferente ao desprezo advindo do *amor*!

É necessário muito saber desprezar, especialmente aos “literatos e parasitas da cultura”⁶ e, de certo modo, a si *mesmo* em dado ponto amável de (re)viragem (*Umkehrung*) de sua vida, para poder *criar do alto*. “É verdade: amamos a vida não por estarmos habituados à vida, mas ao amor”⁷. E, nesse sentido, não é possível ir ao encontro do *sabor* da canção que diz que “qualquer maneira de amor vale a pena”⁸. Afinal,

Não falo do amor romântico, aquelas paixões meladas de tristeza e sofrimento. Relações de dependência e submissão. Paixões tristes. Algumas pessoas confundem isso com amor. Chamam de amor esse querer escravo e pensam que o amor é alguma coisa que pode ser definida, explicada, entendida, julgada. Pensam que o amor já estava pronto, formatado, inteiro – antes de ser experimentado. Mas é exatamente o oposto, para mim, que o amor manifesta. A virtude do amor é sua

⁴ NIETZSCHE, 2009a, pp.267-8.

⁵ NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. 2ª reimpressão. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 40. #Do ler e do escrever.

⁶ NIETZSCHE, 2009a, p.268.

⁷ NIETZSCHE, 2015, p.41.

⁸ NASCIMENTO, M. e VELOSO, C. Paula e Bebeto. Em: Milton Nascimento. *Álbum: Minas*. Gravadora: EMI Odeon Brazil, 1975.

capacidade potencial de ser construído, inventado e modificado. (...) O amor quer ser interferido, quer ser violado, quer ser transformado a cada instante. A vida do amor depende dessa interferência.⁹

“Há sempre alguma loucura no amor. Mas também há sempre alguma razão na loucura”¹⁰. Mas qual é “a loucura que faz o cara dar um tiro na cabeça”?¹¹ Qual é a *necessidade constringente* em tal corpo, em tal pensamento suicida? Era necessário sucumbir ali? Por quê? Não mais havia “amor para recomeçar”?¹² Qual era o poder de sua *força de assimilação*? Ainda mais, qual era o poder de sua *força criadora (Schöpferische Kraft)*? Como e quais verbos nele se fizeram carne? Como a indissociabilidade entre educação, civilização e cultura assujeitou, formou, educou, enfraqueceu ou fortaleceu aquela vida? Que tipo de *necessidade*, que tipo de *psicofisiologia* tal indissociabilidade propiciou?

Tal como agora nos educam, adquirimos primeiro uma *segunda natureza*: e a temos quando o mundo nos considera maduros, maiores de idade, utilizáveis. Alguns poucos são cobras o bastante para um dia desfazer-se dessa pele: quando, sob seu invólucro, sua *primeira natureza* tornou-se madura. Na maioria, o gérmen dela ressecou¹³.

No cotidiano, a pessoa considerada educada, utilizável para um determinado plano ou “quadro social”, é o “cidadão civilizado”¹⁴. E funciona assim: “Você deve notar que não tem mais tutu e dizer que não está preocupado. Você deve lutar pela xepa da feira e dizer que está recompensado. Você deve estampar sempre um ar de alegria e dizer: tudo tem melhorado. Você deve rezar pelo bem do patrão e esquecer que está desempregado”¹⁵. E nessa esfera civilizada, segundo um dos maiores e mais intrigantes vilões da história, O Coringa (*The Joker*), “loucura é igual a gravidade: só precisa de um empurrãozinho [para acontecer]”¹⁶. E,

⁹ MOSKA, P. Venus / Do amor. Paulinho Moska. Álbum: *Eu falso da minha vida o que eu quiser*. Gravadora: EMI Brazil, 2001a.

¹⁰ Ibidem.

¹¹ ESCANDURRA, E. Flerte fatal. Em: Ira! Álbum: *MTV ao VIVO – IRA!* Gravadora: AbrilMusic, 2000.

¹² Em alusão à música “Amor para recomeçar” cantada por Frejat, na qual se ouve: “Quando você ficar triste que seja por um dia e não um ano inteiro. E que você saiba que rir é bom, mas que rir de tudo é desespero. Desejo que você tenha a quem amar. E quando estiver bem cansado que encontre amor pra recomeçar, pra recomeçar”.

¹³ NIETZSCHE, F. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. 1ª ed. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016, pp. 208-9. #455.

¹⁴ ANTUNES, A.; BRITTO, S.; REIS, N. Bichos escrotos. Em: Titãs. Álbum: *Cabeça dinossauro*. Gravadora: Warner Music Brasil, 1986.

¹⁵ GONZAGA JÚNIOR, L. Comportamento geral. Em: Gonzaguinha. Álbum: *Luiz Gonzaga Jr.* Gravadora: EMI, 1973.

¹⁶ THE JOKER. Diálogo com Batman. Em: *Batman: Dark Night*. (filme) Direção Christopher Nolan, 2008.

de acordo com este mesmo personagem, autointitulado como “agente do caos”, em diálogo com Harvey Dent,

Ninguém entra em pânico enquanto tudo prossegue como o planejado. Mesmo se o plano for horripilante. Se amanhã eu veicular na imprensa que um desordeiro vai ser baleado ou que um caminhão com soldados vai explodir ninguém entra em pânico. Porque tudo isso faz parte do plano. Mas quando eu digo que um prefeitinho de merda vai morrer, todos ficam loucos!¹⁷

A loucura é apenas uma força gravitacional no pensamento, ao menos nessa forma de pensar trazida supra. Uma gama de afetos que exerce seu poder, que subjuga tantos outros afetos e afetações e diz aquilo que é *necessário* ao corpo. Aquele que *cria do alto* tem aos seus pés as nuvens negras que geram as tempestades àqueles que rastejam, que escrevem, que criam e interpretam a partir de perspectivas restritas, rasteiras, empobrecidas. “Já não sinto como vós: essa nuvem que vejo abaixo de mim, essa coisa negra e pesada da qual eu rio – justamente isso é a vossa nuvem de tempestade. Olhais para cima quando buscais a elevação. Eu olho para baixo, porque estou elevado”¹⁸, diz Zaratustra que, também poderia dizer que se hoje contempla a beleza de sua flor de lótus foi porque a que cultivou naquilo que por muitos é considerado deplorável: a lama, o lodo resultante de muitos outros organismos apodrecidos. Zaratustra insiste e persiste numa força gravitacional que faz satelizar junto de si e em si aquilo que há de mais pesado e também de mais sublime no pensamento. Assim assimila as maiores alturas e as profundezas mais abissais da Vida, pois as deseja em suas belezas.

Heroica é a arte da assimilação e da transfiguração. “Quanta verdade suporta, quanta verdade *ousa* um espírito? Cada vez mais se tornou para isto mim a verdadeira medida de valor”¹⁹, diz Nietzsche. No campo da moral essa arte é a transvaloração de todos os valores (*Umwertung aller Werte*): um triunfo da coragem sobre o *medo*. Afinal, para ser herói é imperioso saber honrar a guerra e a paz do seu próprio pensamento (de sua psicofisiologia): aquilo que se faz *corpo* em breves momentos de paz... e guerras quase que constantes aos dogmatismos ou aos exercícios ancestrais e unilaterais de poder. Este é um heroico poder: cultivar/educar a si mesmo, na abundância das perspectivas e das *forças criadoras* que vivem

¹⁷ THE JOKER. Diálogo com Harvey Dent no hospital. Em: *Batman: Dark Night*. (filme) Direção Christopher Nolan, 2008. (Tradução livre)

¹⁸ NIETZSCHE, 2015, pp. 40-1.

¹⁹ NIETZSCHE, F. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. 1ª reimpress. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009b, p. 16.

e falam em si e que demandam um tipo de *amor* que sabe prezar e desprezar. Esta é a jornada do herói; a heroica travessia. Este é o caminho do criador.

Quem tem de ser um criador sempre destrói. Criadores foram primeiramente os povos, somente depois os indivíduos; em verdade, o indivíduo mesmo é ainda a mais nova criação. Outrora mantinham os povos uma tábua de valores acima de si. O amor que quer dominar e o amor que quer obedecer criaram juntos essas tábuas. Mais antigo é o prazer no rebanho que o prazer no Eu; e, enquanto a boa consciência se chamar rebanho, apenas a má consciência dirá: Eu. (...) Em verdade, um monstro é o poder desse louvar e repreender. Dizeis, ó irmãos, quem o subjugará?²⁰

Não há hominização sem Cultura (*Kultur*) e sem incorporação de costumes (*Sitte*). A Cultura está voltada aos propósitos de *cultivo* (*Zucht*) de possibilidades e também tem relação com as paulatinas assimilações e transformações (transvalorações) que ensejam diferentes processos de subjetivação e tipologias humanas. A civilização (*Zivilisation*) nasce no momento em que o animal falante vislumbra melhores condições de sobrevivência no seio de determinado bando que, por sua vez, a partir de então, buscará tornar-se cada vez mais forte e coeso, sobretudo, a partir do estabelecimento e manutenção de costumes (que prefiguram sua tábua de valores).

Por mais absurdo e supersticioso que possa parecer, “qualquer costume é melhor do que nenhum costume”²¹ – “e a morte leva aquele que infringe tais coisas”.²² É por esse veio que se supõe que tenha início uma determinada *regra de ouro* de uma civilização, junto da qual todos, mas, principalmente, os recém-chegados (recém-nascidos ou estrangeiros) têm de se afeiçoar – se *conformando* a tais costumes. “É assim que entra, na noção do ‘homem mais moral’ da comunidade, a virtude do frequente sofrer, do duro viver, da privação, da cruel mortificação”, pois as possibilidades de cultivos de possibilidades outras estão cerceadas.

Via de regra é sempre o *medo* que baliza a *formação* das virtudes do cidadão: sua moralidade (*Sittlichkeit der Sitte*). O que se **destrói**, portanto, de saída nesse processo são as possibilidade de *felicidade individual*, de amplificação e atualização dos costumes que, em geral, são os modos por meio dos quais, junto aos seres humanos, a Vida manifesta sua abundância, seu esplendor. O problema maior da *formação* pode estar na adoção de um pensamento único, de uma perspectiva única, de uma *finalidade* única para a Vida, e, nesse

²⁰ NIETZSCHE, 2015, pp. 58-9. (grifos nossos)

²¹ NIETZSCHE, 2009b, p. 23.

²² Idem, p. 22.

sentido, se *pensamento é corpo*, há diretamente um comprometimento da psicofisiologia do animal humano nesse processo – no sentido de seu enfraquecimento, do direcionamento de suas necessidades, do ressecamento de sua *primeira natureza* e a possível diminuição das possibilidades do *cultivo*, da cultura de outras tipologias humanas.

O costume representa as experiências dos homens passados acerca do que presumiam ser útil ou prejudicial – mas o *sentimento do costume* (moralidade) não diz respeito àquelas experiências como tais, e sim à idade, santidade, indiscutibilidade do costume. E assim este sentimento é um obstáculo a que se tenham novas experiências e se corrijam os costumes: ou seja, a moralidade opõe-se ao surgimento de novos e melhores costumes: ela torna estúpido.²³

Diante do exposto, o presente texto, enquanto tese, escolhe utilizar os conceitos *formação* (*Bildung*) e *educação* (*Erziehung*) como processos díspares, sobretudo, ao pressupor que estes mobilizem diferentes disposições afetivas nos seres humanos, diferentes psicofisiologias, que fazem eclodir distintas *necessidades constringentes* (*Notwendigkeit*) em tais seres. Nesse sentido, suas finalidades e utilidades, apesar de *semelhantes* em alguns aspectos, tornam-se também desiguais, pois a gama de afetos ou o sentimento predominante em cada um deles é diferente: na formação, o *medo*; na educação, o *amor*.

Pretende-se dar sustentação a essa tese tendo como parâmetro inicial a perspectiva nietzschiana da indissociabilidade entre educação, civilização e cultura. Deste ponto, ao diferenciarmos os conceitos educação e formação, inferimos que as vivências do animal humano nos processos formativos têm como finalidade o fomento e/ou a manutenção da civilização. Enquanto que suas experiências nos processos educativos visem ao (des)envolvimento²⁴ da cultura. Resta destacar que se supõe que a psicofisiologia engendrada pela formação seja dimensionada pelo *medo* por, entre outros, ser mobilizada pela *moralidade*: a defesa do costume pelo costume – sua funcionalidade conservativa. Já a psicofisiologia da educação pauta-se pelo *amor*, justamente, por não ser atrelada à sacralidade da moralidade podendo assim ir ao encontro do *cultivo* de possibilidades outras, junto do “eterno criar-se a si mesmo” e do “eterno destruir-se a si mesmo”, característico da Vida.

²³ NIETZSCHE, 2016, p. 25.

²⁴ A palavra “desenvolvimento” esta grafada deste modo com o propósito de salientar que os processos educativos ao mesmo tempo em que envolvem o ser humano na cultura abrem possibilidades para que ele se desenvolva dela – no sentido de deixar de ser envolvido, circunscrito, limitado por ela. A consequência lógica deste processo é o alargamento do poder e da potência tanto do sujeito, como também, da cultura.

CONCLUSÃO

Agora vamos ter os girassóis do fim do ano e o calor vem desumano. Tudo irá se expandir; crescer com as águas. Quiçá, amores nos corações. E um santeiro, milagreiro, prevê a dor de terceiros e diz que a vida é feita de ilusão. E um santeiro, milagreiro, prevê a dor de terceiros e diz que a vida é feita de ilusão...

Aquela que um dia o fez sonhar se foi com o outro no dia em que os dois se casariam por amor. Ele aluou... Hoje o seu pesar cintila nos varais. Usou as sete vidas e não foi feliz jamais. Toda a imensidão passou pela vida e foi cair na solidão.

Mais um santo para esculpir é o que lhe vale pra evitar que o rancor suas ervas espalhe...¹

Amar não é a garantia de livrar-se do sofrimento, do erro e do errar, do triste vagar e da felicidade facilmente encontrar. Mas pode ser a possibilidade de se compor, se recompor, se decompor e tudo isso harmonizar numa organização dinâmica, ou seja, com movimento. Amando alguém vive a oportunidade do cultivo (*Zucht*) de uma psicofisiologia artística, transfigurativa e transvalorativa, que tece, fia, desfia, desafia e sublima para evitar, tal como expresso na canção acima, que “o rancor suas ervas espalhe” e coloque a perder, no mais sagrado instante – a vida de uma pessoa –, a abundância da Vida que sempre tende a resplandecer como novas auroras bailarinas, infinitas e brilhantes. É por isso que *amar* pode ser sinônimo de educar(-se) e/ou de cultivar(-se). Porque, tal como diz o refrão da canção a seguir, “amar é profundo e nele sempre cabem de vez todos os verbos do mundo”.²

Errar é útil. Sofrer é chato. Chorar é triste. Sorrir é rápido.
 Não ver é fácil. Trair é tático. Olhar é móvel. Falar é mágico.
 Calar é tático. Desfazer é árduo. Esperar é sábio. Refazer é ótimo.
 Amar é profundo e nele sempre cabem de vez todos os verbos do mundo.
 E nele sempre cabem de vez...

Abraçar é quente. Beijar é chama. Pensar é ser humano. Fantasiar também.
 Nascer é dar partida. Viver é ser alguém. Saudade é despedida. Morrer um dia vem.
 Mas amar é profundo e nele sempre cabem de vez todos os verbos do mundo.
 E nele sempre cabem de vez...

Heroico é este tipo de *amor profundo*. Um amor que bebe dos abismos e sombras da Vida, bem como, baila e se regozija naquilo que Nela é alto, raro e rarefeito. Nele pensar e viver se tornam indissociáveis – mesmo diante de um perigo, do risco, da carne e do espírito cravejados de dor. Este heroísmo vai além do “amor próprio” e do “amor ao próximo”. Ele é

¹ DJAVAN. Milagreiro. Em: Djavan. Álbum: *Milagreiro*. Gravadora: Epic Records, 2001.

² JENECCI, M.; DUNCAN, Z. Todos os verbos. Em: Zélia Duncan. Álbum: *Pelo sabor do gesto*. Gravadora: Biscoito Fino, 2011.

um amor menino, uma *espera criança*, um amor ao distante... um amor ao destino – um *amor fati*. Ele é abundante... e por isso se afirma como um pensamento que se banha nos líquidos da Vida, pois assim não se resseca, não se torna estéril, triste e desvalido de nobreza e poesia. Afinal, de que vale um pensamento que não dança?

Conhecer, saber, saborear... amar. Este é um dos possíveis veios para alguém conquistar ou cultivar sua liberdade, livrar-se do peso da culpa e nisso dar-se como inocente (*Unschuldige*), como vir-a-ser, como causa-imanente-de-si, experiência de si, de suas paixões e de seus impulsos... uma nova gravidade (*Schwerkewicht*), uma possibilidade de satelizar e/ou realinhar afetações e afetos num *eterno retorno* (*Ewige Wiederkunft*). E a nosso ver, didaticamente dispostos, é através dos *erros fundamentais* e o *impulso à verdade* que se pode compor uma salutar dinâmica cíclica de todos esses atos, pois o amor heroico é aquele que sabe dar e receber, prezar e desprezar, matar e morrer.

É por isso que em uma *educação heroica* o ato de conhecer é algo *necessário*, mas o conhecimento proveniente de tal ato, não. Conhecer e pensar não são se limitam a elucidar ou minimizar formas de composições de saberes, mas estabelecer novas relações entre eles e deixar-se atualizar neste exercício. É ter a coragem de colocar o valor dos valores em questão. É questionar o valor da própria existência – é tê-la como um problema a ser vivido de modo a “abrir o peito à força numa procura”³, a fim de perscrutar aquilo que o faz sentir e viver de tal e tal modo, posto que seus sentimentos e razões não têm nada de inatos, mas, sim, lhe foram inculcados, velada ou deflagradamente, de sua genética a seus valores morais.

Sobre essa questão última, não por acaso o peso e a força dos costumes foi deveras problematizado no decorrer deste texto. Fez-se uso sobremaneira da afirmação espinosana⁴ de que toda a nossa felicidade ou infelicidade depende da *qualidade do objeto que aderimos por amor*. O quê, por que, como e desde quando amamos algo (ou alguém)? O que nos fez e/ou faz apreendê-lo assim? Quais sentimentos foram implantados em mim? Quais razões derivaram de tais implantes?

Tais questionamentos são muitíssimos valiosos numa educação heroica, porque por processo educacional pode-se compreender um trabalho de inscrição de uma pessoa na Cultura – algo que visaria, teoricamente, ao aumento das perspectivas que ela possui sobre si

³ Em alusão à música “Caçador de mim” trazida no capítulo anterior.

⁴ ESPINOSA, 2015, p. 31.

e sobre outrem. Diz-se “em teoria”, pois é certo que muitos destes processos alargam algumas habilidades e gostos humanos, mas, em contrapartida, limitam tantos outros – em prol de interesses escusos. Foi a fim de distanciar-se de tais interesses pífidos que o presente trabalho investiu no trato da diferença entre educação e formação: a primeira visando o cultivo de uma vida fértil, forte, abundante e sábia; e, a segunda, referindo-se aos modos de domesticação do animal humano.

Enquanto a *formação* diz o porquê (qual a finalidade) das pessoas e coisas no seio dos seus planos, a *educação*, por sua vez, transvalora, a partir de sua *força criativa*, as finalidades ou os tipos de relações estabelecidas pela formação como necessárias e essenciais. E é muito válido retomar aqui que, justamente, aquilo que é tido por uma pessoa como *necessário*, seja a relação com o objeto ou o próprio objeto, é o que direciona a descarga de suas forças (impulsos) e a intensidade dessa descarga. E é por isso que, nas palavras de Nietzsche, seu “olhar tornou-se cada vez mais agudo para a difícil e insidiosa *inferência regressiva*, com a qual se comete a maioria dos erros – a inferência que vai da obra ao autor, do ato ao agente, do ideal àquele que *dele necessita*, de todo modo de pensar e valorar à *necessidade* que por trás dele comanda”.⁵

No absurdo poético da aproximação de Nietzsche e Raul Seixas pode-se destacar que, alguns homens, nos seios de suas morais, “já são carrascos e vítimas do próprio mecanismo que criaram”⁶. Tendo o ódio e o desprezo e, antes destes, o medo, como traços fundamentais ou afetos dominantes em seus processos de subjetivação, lhes soam bem “a música ruim e os maus motivos, quando marcham sobre um inimigo”⁷. Entretanto, “nós outros, imoralistas,” (e educadores heroicos), “temos, ao inverso, nosso coração escancarado para toda espécie de entender, compreender, *chamar de bom*. Não negamos facilmente, procuramos a nossa honra em ser afirmativos”⁸.

Sim, afirmativos! Mas é que “depois de vinte anos na escola não é difícil perceber todas as manhas do seu jogo sujo”⁹. Nós fizemos o nosso “dever de casa”; fizemos nossa

⁵ NIETZSCHE, 2009a, p.273.

⁶ SEIXAS, R.; COELHO, P. As aventuras de Raul Seixas na cidade de Thor. Álbum: *Gita*. Gravadora: Philips Records, 1974.

⁷ NIETZSCHE, 2016, p. 246. #557. (com adaptações e grifos nossos)

⁸ NIETZSCHE, 1999, p. 379. §6.

⁹ RUSSO, R. Geração Coca Cola. Em: Legião Urbana. Álbum: *Mais do mesmo*. Gravadora: EMI, 1998.

peregrinação da *formação*! No entanto, junto de uma educação heroica, não somos mais os *filhos da revolução*, nem *burgueses sem religião*, nem mesmo *o futuro da nação*.¹⁰ Afinal, somos demais *décadent*. Todavia somos os frutos tardios, a aurora de uma lenta “contrapressão”¹¹ ao tipo de formação escravizante, enfraquecida e ressequida que aporta no século XXI. Somos o jogo que começa novamente, a roda da moral que gira sobre si. Assim, afinal, historicamente,

entre as forças que a moral cultivou estava a *veracidade*: esta se volta, por fim, contra a moral, descobre sua *teleologia*, sua consideração *interessada* – e agora o *discernimento* dessa longa mendacidade encarnada [nossa psicofisiologia, S.O.S.] – que desejamos afastar de nós – atua precisamente como estimulante. Para o niilismo. Constatamos agora em nós necessidades, implantadas pela duradoura interpretação moral, que agora nos parecem como necessidades do não verdadeiro: por outro lado, são aquelas nas que parece se apoiar o valor, pelas quais suportamos viver. Esse antagonismo: *não* apreciar o que conhecemos, e não mais *podemos* apreciar aquilo com o que gostaríamos de nos enganar – resulta num processo de dissolução.¹²

Em linhas conclusivas, não há que se trazer à baila um novo modelo educacional ou um novo modelo (de)formação e suas grades curriculares, pois isto seria apenas mais um sinal de apequenamento universal da humanidade. Tentamos com isso não sustentar a ilusão da possível chegada de certo modelo que tampona todas as angústias e necessidades humanas. Evitamos nisso a reposição de um *novo absoluto*. No entanto, trazemos um convite para vivências e experiências no campo da indissociabilidade entre educação, civilização e cultura que se façam junto da beleza e da força da *autossupressão* (*Selbestaufhebung*) no sentido do cultivo das paixões, daquilo que nos faz ser quem somos; e para a *transvaloração de todos os valores* (*Umwertung aller Werte*)¹³ que também nos fazem ser quem somos. Afinal, como diz Zaratustra, “grande, no homem, é ser ele uma ponte e não um objetivo: o que pode ser amado, no homem, é ser ele uma passagem e um declínio”.¹⁴

¹⁰ Ibidem. (com adaptações)

¹¹ Em referência ao aforismo 257 de Para Além de Bem e Mal (NIETZSCHE, 2017, p. 153).

¹² NIETZSCHE, F. Fragmento póstumo nº 5 [71], junho de 1887. Em: GIACOIA JUNIOR, 2002, p. 57. #02.

¹³ Resta claro que, por terem se tornado conceitos de grande importância no enredo criado para a presente tese, os conceitos “autossupressão” e “transvaloração de todos os valores” deveriam ter recebido melhor atenção e elaboração. Isso será realizado de bom grado nos 60 dias decorrentes da data da defesa tendo em vista o conteúdo advindo do curso realizado no semestre passado, nas dependências da Unicamp, com o professor Oswaldo Giacoia Júnior, justamente, ao redor desses conceitos. Cumpre destacar que estes e outros conceitos quais a banca inferir a necessidade de um melhor aprofundamento e/ou lapidação terão a imediata consideração.

¹⁴ NIETZSCHE, 2015, p. 16.

Por derradeiro, julga-se profícuo destacar que, mesmo que tenhamos falado aqui, neste trabalho, a todo instante de uma psicofisiologia/corpo que é um jogo de acumulações e esbanjamentos de forças conscientes e inconscientes, in/tenso metabolismo que traça as características de um processo de subjetivação, autocriação de um animal que se nominou humano, uma “passagem e declínio”, não implica ou caracteriza que tenhamos destacado um estado de *resignação*, de *conformação* com dadas condições de vida.

Como dito, heroica é a arte da assimilação e da transvaloração. E é de bom grado destacar que desde muito cedo neste trabalho veio à tona a difícil perspectiva nietzschiana na qual se afirma que “quem tem de ser um criador sempre destrói”¹⁵. E foi justamente a questão acerca da *legitimidade da destruição na criação* que tanto nos inquietou e nos angustiou. Inquietações, angústias e poeiras da estrada nos dispuseram uma perspectiva na qual olhamos para essa problemática por meio da interrogação acerca do tipo de psicofisiologia, ou mais especificamente, ao tipo de afeto ou sentimento que diz e constringe um corpo a uma *necessidade* específica – a um fazer, um viver, a uma estética, a objetos, objetivos e a formas de direcionamentos (e descargas) das forças que têm *necessariamente* de ser de certo modo.

Talvez, uma das principais acepções de uma *educação heroica*, seja a da responsabilidade de conduzir-se e conduzir o outro, um educando, afetiva e racionalmente, a um mergulho no abismo que existe entre aquilo que lhe foi transmitido de modo atávico ou manifesto e as razões que são construídas no decorrer de nossas vidas. Somente a partir de tal coragem torna-se possível *pensar diferente para sentir diferente*.

É aqui, para nós, que o conceito do *eterno retorno*, relacionado à *autossupressão* e à *transvaloração de todos os valores*, torna-se vital para a possibilidade de criação de uma existência saudável, poderosa e abundante de Vida, pois se pensado junto de certa psicofisiologia, o que retorna ou deve retornar não é “o mesmo”, mas, sim, aquilo que se faz *necessário* para um corpo. E, neste sentido, heroica é a coragem em des/cobrir o que nos faz sentir... para intensamente nos depararmos, cotidianamente, com *uma nova e indizível beleza* da Vida.

¹⁵ Idem, p.58.

REFERÊNCIAS ÁUDIO-VÍDEO-BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

ANTUNES, A.; BRITTO, S.; REIS, N. Bichos escrotos. Em: Titãs. Álbum: *Cabeça dinossauro*. Gravadora: Warner Music Brasil, 1986.

BÍBLIA SAGRADA. Obtida via internet em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/1co/13>. Acesso em 28 de janeiro de 2017.

BUZAR, N. e TAPAJÓS, P. Irmãos coragem. Em: Jair Rodrigues. Álbum: *O Talento e Bossa de Jair Rodrigues*. Gravadora: Philips, 1970.

CAMPBELL, J. *O herói das mil faces*. 11ª reimpressão. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2007, pp. 31-2. [EPÍGRAFE].

DELEUZE, G. Nietzsche e a filosofia. Tradução de Edmundo Fernando dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

DJAVAN. Boa noite. Em: Djavan. Álbum: *Coisa de acender*. Gravadora: Sony Music Entertainment, 1992.

_____ Milagreiro. Em: Djavan. Álbum: *Milagreiro*. Gravadora: Epic Records, 2001.

_____ Seduzir. Em: Djavan. Álbum: *Seduzir*. Gravadora: EMI Brazil, 1981.

DON JUAN DEMARCO. Direção: Jeremy Leven. Estados Unidos da América, 1994.

DREXLER, J. Milonga del moro judio. Em: Jorge Drexler. Álbum: *Eco*. Gravadora: Warner Music latina, 2004.

DUNCAN, Z.; MOSKA, P. Dor elegante. Em: Zélia Duncan. Álbum: *Pré-Pós-Tudo-Bossa-Band*. Gravadora: Universal Music, 2005.

ESCANDURRA, E. Flerte fatal. Em: Ira! Álbum: *MTV ao VIVO – IRA!* Gravadora: AbrilMusic, 2000.

ESPINOSA, B. Tratado da emenda do intelecto. Edição em latim e português. Tradução e nota introdutória de Cristiano Novaes de Rezende. *Coleção Fausto Castilho multilíngues de filosofia Unicamp*. Campinas: Editora Unicamp, 2015.

FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro. Ed. Nau. 1996.

_____ *História da sexualidade 2 – o uso dos prazeres*. 8ª Ed. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

_____ O que são as Luzes? Em: MOTTA, M. B. *Coleção Ditos e Escritos II – Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FREJAT, R.; NETO, A. Maior abandonado. Em: Barão Vermelho. Álbum: *Maior abandonado*. Gravadora: WEA Music, 1984.

FREUD, S. O mal-estar da civilização. Em: *Obras completas*, v. 18 – 1930-1936. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

_____ Novas conferências introdutórias à psicanálise – Conferência XXI: A dissecação da personalidade psíquica. Em: *Obras completas*, v. 18 – 1930-1936. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010b.

GIACOIA JUNIOR, O. *Friedrich Nietzsche: A “Grande Política” – fragmentos*. Clássicos da filosofia: Cadernos de tradução n° 3. Campinas: IFCH/UNICAMP – Setor de publicações, 2002.

_____ *Nietzsche*. 1ª ed. São Paulo: Publifolha, 2000.

_____ *Nietzsche x Kant: uma disputa permanente a respeito de liberdade, autonomia e dever*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; São Paulo: Casa do Saber, 2012.

_____ O infinito campo hermenêutico. Em: *Ciência e Cultura*. Vol.67, nº1. Jan./Mar. 2015.

GONZAGA JÚNIOR, L. Eu apenas queria que você soubesse. Em: Gonzaguinha. Álbum: *Geral*. Gravadora: EMI, 1987. (grifos nossos)

_____ Comportamento geral. Em: Gonzaguinha. Álbum: *Luiz Gonzaga Jr.* Gravadora: EMI, 1973.

_____ Pacato cidadão. Em: Gonzaguinha. Álbum: *Coisa mais maior de grande – pessoa*. Gravadora: EMI, 1991.

HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JENECCI, M.; DUNCAN, Z. Todos os verbos. Em: Zélia Duncan. Álbum: *Pelo sabor do gesto*. Gravadora: Biscoito Fino, 2011.

LEMINSK, P. Dor elegante. Poema. Obtido via internet em: https://www.pensador.com/poemas_paulo_leminski/. Acesso em: 04 de setembro de 2017.

LENINE.; FALCÃO, D. Paciência. Em: Lenine. Álbum: *Acústico MTV*. Gravadora: Sony BMG, 2006.

_____ Simples assim. Em: Lenine. Álbum: *Carbono*. Gravadora: Universal Music, 2015.

LENINE.; GUERRA, P. Miedo. Em: Lenine. Álbum: *Acústico MTV*. Gravadora: Sony BGM, 2006.

LENINE; RENNÓ, C. Ecos do ão. Em: Lenine. Álbum: *Falange canibal*. Gravadora: Sony BMG, 2002.

_____ Vivo. Em: Lenine. Álbum: *In Cité (ao vivo)*. Gravadora: Sony BMG, 2002.

LINS, I.; MARTINS, V. Daquilo que eu sei. Em: Ivan Lins. Álbum: *Ivan Lins & The Metropole Orchestra*. Gravadora: Biscoito Fino, 2009.

MAGALHÃES, F.; GOFFI, G.; BARROS, M. Meus bons amigos. Em: Barão Vermelho. Álbum: *Carne crua*. Gravadora: Warner Music brasil, 1994.

MONTENEGRO, O. *Metade*. Vídeo/poema obtido via internet em: <https://www.youtube.com/watch?v=GLkQMFVg8V8>. Acessado em: 15/03/2018.

MORAES, V.; POWELL, B. Samba da benção. Em: Baden Powell. Álbum: *Le génie de Baden Powell*. Gravadora: Musidisc (França), 1990.

MOSKA, P. A idade do céu. Em: Paulinho Moska. Álbum: *Tudo novo de novo*. Versão em português da música “La edad del cielo” do uruguaio Jorge Drexler. Gravadora: EMI E, 2004.

_____ A seta e o alvo. Em: Paulinho Moska. Álbum: + *novo de novo*. Gravadora: EMI-Odeon, 2007.

_____ Não deveria se chamar amor. Em: Paulinho Moska. Álbum: Eu falso da minha vida o que eu quiser. Gravadora: EMI Brazil, 2001b.

_____ Venus / Do amor. Paulinho Moska. Álbum: *Eu falso da minha vida o que eu quiser*. Gravadora: EMI Brazil, 2001a.

NASCIMENTO, M. e VELOSO, C. Paula e Bebeto. Em: Milton Nascimento. Álbum: *Minas*. Gravadora: EMI Odeon Brazil, 1975.

NETO, A.; BRANDÃO, A. O tempo não para. Em: Cazuza. Álbum: *Cazuza – O tempo não para*. Gravadoras: Polygram e Universal Music, 1988.

NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. 5ª reimpr. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009a.

_____ *Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro*. 17ª reimpr. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia de Bolso, 2017.

_____ *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. 2ª reimpres. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____ *Assim falava Zaratustra – um livro para todos e para ninguém*. Tradução e notas Mário Ferreira dos Santos. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

_____ *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. 1ª ed. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016, pp. 208-9. #455.

_____ *Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar com o martelo*. Em: Nietzsche. Coleção: *Os pensadores*. Seleção de textos Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. Posfácio de Antônio Cândido. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999, p. 377. Moral como contranatureza. §2.

_____ *Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo*. 4ª reimpressão. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____ *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. 1ª reimpres. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009b, p. 16.

_____ *Genealogia da moral: uma polêmica*. 10ª reimpressão. Tradução, notas e posfácio de Paulo César Souza. São Paulo: Cia da Letras, 2007.

_____ *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009c.

_____ *Incursões de um extemporâneo*. Em: Nietzsche. Coleção: *Os pensadores*. Seleção de textos Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. Posfácio de Antônio Cândido. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.

_____ *Nachgelassene Fragmente 1881-1882, Frühjahr-Herbst, MIII1*. Em: *Werke: kritische Gesamtausgabe*. T. V.2. Berlin, de Gruyter, 1977.

_____ *O anticristo: maldição ao cristianismo*. 1ª reimp. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2009d.

_____ *Sabedoria para depois de amanhã*. Seleção dos fragmentos póstumos por Heinz Friedrich. Tradução de Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PESSOA, F. *Mar salgado*. Obtido via internet em: <https://www.youtube.com/watch?v=6iHHvNI6OKQ>. Acesso em: 27/08/2017.

RAMALHO, Z. Chão de giz. Em: Zé Ramalho. Álbum: *Zé Ramalho*. Gravadora: Epic, 1978.

RUSSO, R. Geração Coca Cola. Em: Legião Urbana. Álbum: *Mais do mesmo*. Gravadora: EMI, 1998.

RUSSO, R.; VENTURINI, F. Mais uma vez. Em: Renato Russo. Álbum: *Presente*. Gravadora: EMI, 2003.

RUSSO, R. Monte Castelo. Em: Legião Urbana. Álbum: *As quatro estações*. Gravadora: EMI, 1989.

RUSSO, R.; VILLA-LOBOS, D.; BONFÁ, M. Perfeição. Em: Legião Urbana. Álbum: *O Descobrimento do Brasil*. Gravadora EMI Brasil, 1993.

SÁ; MAGRÃO, S. Caçador de mim. Em: 14 Bis. Álbum: *14 Bis ao vivo*. Gravadora Sony BMG, 2007.

SAFATLE, V. *A lógica do condomínio*. Palestra. Em: Café filosófico. Gravado em Campinas no espaço CPFL Cultura. Obtido via internet em: <http://www.institutocpfl.org.br/podcast/a-logica-do-condominio-com-vladimir-safatle/>. Acesso em maio de 2017.

_____ *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SANTOS, L. Minha vida. Em: Lulu Santos. Álbum: *Lulu*. Gravadora: RCA Records, 1986.

SANTOS, S. O. Me cansei daqui (vou cuidar de mim). *Música autoral*. Em estúdio de gravação. Previsão de lançamento: abril de 2019.

SEIXAS, R.; COELHO, P. As aventuras de Raul Seixas na cidade de Thor. Álbum: *Gita*. Gravadora: Philips Records, 1974.

_____ *Rock do Diabo*. Em: Raul Seixas. Álbum: *Eu Raul Seixas*. Gravadora: Philips Records, 1991.

THE JOKER. (Diálogos). Em: *Batman: Dark Night*. (filme) Direção Christopher Nolan, 2008.

VALENÇA, A.; RAMALHO, Z. Admirável gado novo. Em: Zé Ramalho. Álbum: *Zé Ramalho 2*. Gravadora: Epic, 1979.

VERCILLO, J. Eu e a vida. Em: Jorge Vercillo. Álbum: *Jorge Vercillo*. Gravadora: EMI Brazil, 2006.

Žižek, S. *Žižek!* Direção: Astra Taylor. Nova York: Zeitgeist Films, 2005.